

Un análisis ético al fenómeno de la invisibilidad escolar de los adolescentes de escuelas secundarias

Uma análise ética do fenómeno da escola invisibilidade adolescentes do ensino médio

Ana Cecilia Valencia Aguirre
Universidad de Guadalajara
anaceciliava@yahoo.com.mx

José María Nava Preciado
Universidad de Guadalajara
jnava_preciado@yahoo.com.mx

“...Te advierto que, cuando yo empleo una palabra – dijo Humpty Dumpty en tono algo despectivo-, esa palabra significa exactamente lo que yo quiero que signifique. ¿Comprendes? La cuestión es –dijo Alicia- si puede usted hacer que las palabras signifiquen tantas cosas distintas. No te equivoques...la cuestión es saber quién es el maestro aquí. Alicia estaba demasiado perpleja para decir nada”

Alicia a través del espejo

Lewis Carroll

RESUMEN

En este trabajo se muestra, desde la recuperación del habla cotidiana de un grupo de adolescentes, algunas evidencias de su invisibilidad en el contexto escolar, la carencia de un rostro, una voz peculiar y la estrategia de invisibilidad que muchos de ellos adoptan como alternativa de subsistencia ante un entorno escolar que valoran como hostil.

En parte, la imagen de directivos y docentes respecto a las adolescencias esta asociada a un discurso que los deniega como sujetos, al ligarlos a una visión negativa centrada en la rebeldía, la actitud negativa y desmesurada de este actor. Esto genera, en el imaginario de los docentes y directivos de escuelas secundarias, la puesta en práctica de dispositivos disciplinarios basados en el control, la vigilancia y el orden, que, lejos de conformar una plataforma de reconocimiento, deprecia la imagen adolescente y ante ello justifica formas veladas de control y violencia escolar

impuesta desde sus autoridades, de modo que los desdibujan y vuelven sujetos sin rostro ni particularidad, ante un discurso y una práctica que los deniega como sujetos sociales.

Palabras Clave: Analisis, invisibilidad, adolescentes, escuela secundaria.

Resumo

Neste trabalho nós mostramos, a partir da recuperação da fala cotidiana de um grupo de adolescentes, alguma evidência de sua invisibilidade no contexto escolar, a falta de um rosto, uma estratégia de voz e invisibilidade distintivo que muitos adotam meios de subsistência alternativa para um ambiente escolar que valorizava como *hostis*.

Em parte, a imagem de diretores e professores sobre adolescentes está associada com um discurso que negou como sujeitos, para ligá-los a uma visão centrada rebelião negativa e exagerada atitude negativa do ator. Isto cria, no espírito dos professores e diretores de escolas secundárias, a implementação de mecanismos disciplinares com base no controle, vigilância e da ordem, que, longe de formar uma plataforma de reconhecimento, imagem e adolescente de deprecia contra ela justifica formas de controle à noite e violência escolar impostas pelas autoridades, de modo que o sujeito se torna particularidade borrada e sem rosto, a um discurso e uma prática que nega como sujeitos sociais.

Palavras-chave: Análise, invisibilidade, adolescentes, high school.

Fecha recepción: Julio 2011

Fecha aceptación: Noviembre 2011

INTRODUÇÃO

LÍNGUAS E AÇÕES NO MUNDO DIÁRIO DA ESCOLA

Como parte de um *introtito* metodológica observou a importância de recuperar a língua de uma dimensão pragmática, no sentido de estabelecer uma ação com significados e implicações no

contexto social.

Ao recuperar a linguagem cotidiana, neste caso, os adolescentes, que são oferecidos a oportunidade de compreender a sua escola viva-posturas como um estágio da alteridade, crítica de abordar a subjetividade do ator em sua relação com o outro elemento. É, por outro, onde você pode encontrar e fazer a satisfação das necessidades materiais e espirituais, mas também a alteridade um espaço que permite que o horizonte que vai além do aqui e agora. As línguas do mundo todos os dias são cruciais não apenas como um elemento de compreensão da subjetividade, mas também para analisar o papel das partes interessadas e inserções no horizonte do mundo dos adolescentes a partir de avaliações situacionais.

Neste sentido, tentamos recuperar as línguas dos adolescentes como caminho metodológico para compreender as formas de subjetividade-ing de um espaço polifônico que permite que ligam vozes plurais e compreender o sentido da alteridade, que submete o seu próprio warp knit Particularmente, eles ligam seus afetos a experiência vivida e mostrar o seu pensamento e ponto de vista.

ero,

Nesse sentido, as línguas perceber situações vividas por adolescentes, que durante a busca de seu discurso alcançar evidenciá-la, experimentá-lo e socializar. As experiências dos assuntos são abordados a partir dos afetos e emoções, de matérias-primas que acompanha o processo de expressão de uma perspectiva pragmática.

A rotina do jogo exige que os jogadores nos colocar no mundo do significado subjetivo da experiência, o que per-ácaro compreender os seus sentidos, deixando-nos na tradição ocidental de Erlebniz, experiência vivida ponto de partida no processo mostra fenomenológica.

Além disso, acreditamos que, na sequência do início do segundo Wittgenstein (1953), que o significado de um termo associado com a linguagem de alto-falante não pode ser considerado um positivo, atomística ou entidade definida por si só; portanto, não ensaiar análise separada do contexto situacional, no entanto, assume-se que a utilização de qualquer termo faz sentido a partir do próprio campo de ação, seu significado está implícito nos chamados jogos de linguagem, que são orientados de acordo com contextos próprios do falante.

Estudantes, escola submete invisível

Não muito tempo atrás, a Terra era habitada por dois bilhões de pessoas, ou seja, meio milhão de homens e meio bilhão de indianos. O primeiro possuía o verbo, os outros emprestado.

Jean Paul Sartre. (Prefácio Fanon, 1961: 5).

Historicamente, o fenômeno da invisibilidade tem sido associada a processos de exclusão social, de modo a referência a Sartre, no prefácio a *Os condenados da Terra*, denunciou o fenômeno da exclusão em o colonialismo eo imperialismo.

Invisibilidade, podem ser ligados ao contexto de segregação racial, de gênero ou questão de classe. No entanto, isso se torna espaços sociais mais complexas a tomar forma a situação que o próprio sujeito escolhe, de opt-out de ser visível e, portanto, não têm um compromisso envolvendo-o em tal cenário.

No campo da ética, a invisibilidade do rosto com Emmanuel Levinas, filósofo torna-se problemática sugere que o "rosto do vizinho significa para mim uma responsabilidade irrefutável acima de tudo, livre, para qualquer acordo com o tratamento" (Levinas, 2007). Então, o outro aparece como uma alteridade, como uma possibilidade da constituição ética do sujeito, chamado de uma externalidade que Levinas face. A partir desta perspectiva, levantar a invisibilidade é negar o outro como alteridade, como a proximidade me envolve no processo intersubjetivo para estabelecer um contrato de ética e responsabilidade na ação.

Em uma perspectiva de invisibilidade social também é expressa como uma forma de posicionamento social através da si-lênciã, entendida como uma escolha comunicativa de qualquer alto-falante, que é para ficar em silêncio ou permanecer em silêncio. Nós paramos de dizer coisas que poderiam ferir ou comprometer o nosso interlocutor. Há então uma reunião tripartida censura - propria ativo (o orador, o ouvinte e termos) - e é evidente em negar a possibilidade de se comunicar.

Na área da ação comunicativa, considera-se ao silêncio através de censura ou auto-censura como uma forma de comunicação que não só representa o mundo, também como uma forma de criar

mundo. A este respeito, de acordo com a Austin (1982), apenas em alguns casos, eles representam afirmações feitas, mas em todos os momentos executar actos. Em termos técnicos, falando - perguntar ilocutória atua nós realizamos, aconselhar, organizar, determinável no nosso grupo tem, como consequentemente, atos perlocucionários -alegrar, intriga, enfurecer, persuadir, doubt- (Austin, 1982). Censura portanto, não só cuida do mundo é representado, mas também o mundo que é criado com o discurso e tanto assim, que nós (Portolés, 2009) afeta.

Uma vez que os três conceitos mencionados nos parágrafos anteriores três conotações aludem à medida que surgem:

1. A invisibilidade como a ética da face, que se expressa em atitudes que negam o reconhecimento do outro como diferente, mas igual a mim mesmo.
2. A invisibilidade e auto-censura: pegue o silêncio como uma forma de negar o meu compromisso para os outros.
3. Invisibilidade, como uma forma de comunicar sobre o silêncio também é uma maneira de se comunicar Senti-mentos, emoções ou indiferença para com os outros.

Com base no exposto nos referimos o fenômeno da situação escolar do estudante invisibilidade de duas direções:

- a) Como um fenômeno que pode ser visto nas relações diárias com as implicações morais (porque deriva uma série de consequências sobre as inter-relações).
- b) como expressões de ethos, ou seja, a construção de significado e identidade contra as atividades diárias e uma maneira particular de assumir e atribuir responsabilidades entre os envolvidos na mesma.

Começamos por supor que as formas de invisibilidade não são únicos, mas expressam modos de ser e de fazer, isto é, maneiras factuais em espaços públicos onde a subjetividade é constituído a partir do outro, o que é reconhecido e garantido o direito no rosto e no chão.

As formas em que tal invisibilidade é fenomeniza expressa de duas maneiras:

1. Como invisibilidade passiva, quando um agente estrangeiro nega saber o rosto da pessoa e, portanto, a palavra como uma forma de estar no espaço social. Neste sentido (Fierro, 1997), usa a noção de invisibilidade como um "estudante Eclip-processamento" de acordo com outras prioridades; o que é a atenção que está sendo marginalizado tanto as suas necessidades educativas, como a garantia de receber um tratamento respeitoso e equitativo na escola

2. Como uma invisibilidade ativo quando é o próprio sujeito que assume o papel de invisível como uma forma de comunicação ativa e, com essa atitude, compromisso com zero de assuntos e tarefas de natureza social que poderia implicar ocorre.

No entanto, a situação é importante é mostrar que, nos espaços escolares o fenômeno da invisibilidade é tomada conscientemente por seus atores assim, os estudantes que encontraram nesta forma de identidade uma forma conveniente para chegar à frente, formas de abrigo violência simbólica e assumir sua invisibilidade para o risco de se engajar aberta e publicamente nas configurações sociais escolares.

Por sua vez, assume-se que os processos invisíveis tendem a se destacar quando os indivíduos são capazes de construir uma ordem inclusiva, em que predomina a idéia de 'nós' 'com a Inter de condição. A referência a "nós" é geralmente usado para se referir ao grupo de pares do adolescente. Por seu lado, os professores, escola em muitas situações cotidianas, aparecem como pertencentes aos "outros", juntamente com as autoridades, diretores e outro contexto faculdade de direito. Nestas situações vamos nos referir a seguir, recuperar a fala cotidiana dos alunos do ensino secundário.

Part One: Narrativas de adolescentes sentidos e implicaciones¹

"Você tem que deixar ir de emoções": Uma forma de invisibilidade.

Em um grupo da escola um professor disse a seguinte situação:

Eu não me importo o que você pensa ou sente: vem comigo ou lamentar-se para perguntar-me

para aumentar sua pontuação deles ... que vai reprovar outra vez (grupo Master Secundário).

Embora não seja possível atribuir à expressão do professor julgamentos, tentamos analisar as implicações destas mensagens para o aluno. Quando surge um discurso em sala de aula para ser posta de lado as emoções, gene-ral, professores, estudantes ou autoridades; Eles argumentam que devemos voltar as afeições invisível ou o que Pascal chamou as razões do coração. No entanto, é inegável que, no processo interações de aprendizagem onde o elemento Apehek-tiva é um princípio básico, então, podemos dizer que os processos afetivos, mas não são decisivos, pelo menos de alguma forma, influência em processos cognitivos ocorrem. Na recuperação de experiências educativas outra direção é evidente na inter-relação, como as motivações emocionais dos alunos parece ser invisível para os outros.

Neste sentido, a invisibilidade para as emoções, a indiferença ao sofrimento e dor que qualquer um pode experimentar quando questionado, suspensos, expulsos ou intimidados, poderia ser considerado um aspecto desagradável consensual, como na escola, tem um compromisso moral de a formação de hábitos e atitudes nos alunos, tendo em conta os pró-mangas implicações morais de cada contexto. Portanto, é difícil reconhecer que algum grau de violência é as emoções invisíveis na sala de aula, no entanto, podemos identificar como a violência está se tornando mais intensa, uma vez que gera entre os jogadores mais próximos no espaço convivência cotidiana, ligada a laços afetivos ou de parentesco, ou seja, entre os sujeitos que vivem em cenários específicos (Codau, 1995).

1 Cabe señalar que estas narraciones son tomadas de diversos escenarios, registrados de manera informal y a través del registro de campo elaborado *in situ* de dichos escenarios. El primero *Dejar de lado las emociones*; se registró en el habla de una profesora de un grupo de secundaria. *Un nosotros ante los otros* se registró durante una reunión informal escolar, *Pertenezco a un grupo: No se metan conmigo* fue tomada de una charla en los pasillos, el último, *Nadar de muertito* es una expresión textual de un alumno manifestada en el aula ante sus compañeros, sin la presencia de maestros o autoridades. Todas las narrativas fueron registradas durante el ciclo escolar 2010, en tres escuelas de la Zona Metropolitana de Guadalajara, como el propósito de la investigación no es hacer comparaciones, no se menciona de manera particular los tres contextos.

Isto permite-nos compreender que a fase cortês, muitas vezes acaba por ser o espaço onde os indivíduos vivem diferentes estilos de violência, poder, autoritarismo e formas de invisibilidade, tanto o aluno eo professor experiente em outros espaços sociais, que nós Isso leva a conceber a escola como um lugar de reprodução do mundo social, transferido por assuntos de espaço privado

ou íntimo como um espaço de escola pública. Em resposta, práticas reflexivas, ligados à capacidade de evocar a experiência de planos de críticas e analíticas, permitem questionar e fazer atos visíveis de indiferença que nos acontecem e nos afetar.

Um contra o outro nos

"Para nós, eles não nos entendem; eo diretor e os professores têm as suas razões (...), mas nunca pediu-nos se estamos de acordo com as suas regras. Eu não gosto, e os meus colegas, nós impor uniforme e proibir-nos de trazer nossas coisas pessoais como um colar ou uma pulseira, temos devolvido assim "(Um estudante da nona série).

Nesta passagem, vemos um discurso que separa a atitude entre professor-aluno no dilema: "solidariedade com o professor ou com os meus colegas, os alunos". Esta divisão entre ser um professor e ser um estudante, coloca o assunto em diferentes circunstâncias, historicamente, tem sido um hiato em que se afirma que estes são dois grupos de indivíduos em condições desiguais. Os alunos sujeitos em construção ou formação, exigindo o respeito pelo direito de construir a sua própria identidade e ser respeitado por professores. Os professores são agentes obrigação profissional responsável e educação formal para identificar o que um certo mundo moral, portanto, as exigências e proibições.

A situação dos alunos está sujeita a autoridades pressão directivas de exercício em relação à sua condição. O valor adquirido em cada situação não vai depender de uma avaliação da importância intrínseca do que está em jogo, mas para impor a lógica do dispositivo escola e disciplinar. Assim você pode ver como o aluno está em colapso da demanda, uma disciplina imperativo, com a prioridade de controle de escola, uma vez que submeter os alunos a ter regras da escola envolve níveis de escolaridade para a escola.

Eu pertenço a um grupo: Não mexa comigo

A constituição de adolescentes de redes sociais, entendida como uma forma de propriedade a um grupo visível dá uma certa identidade, o acesso a formas de intercâmbio e gestão de códigos em situações de crise pode ser defensivo, ofensivo ou obter o apoio, conforme o caso. A última consideração como referência de apoio em situações de conflito, será uma expressão da dotação

para o nível de um sentido da comunidade moral. No entanto muitas destas formas de filiação negar seus membros quando eles estão subordinadas às regras do jogo passam por uma associação onde a ação e de expressão é um anônimo após o recebimento de uma questão organização visível, mas que se torna invisível o aluno a negá-lo.

Eu prefiro ser um estudante X

Esta dimensão vem da razão astuto, para evitar formas de controle e grade panóptico, então esta é uma estratégia para se tornar invisível para as formas de violência implícitas no poder. "Aprendi a nadar em muertito você gastar melhor, porque ninguém lhe incomoda", "Eu prefiro ser um estudante X", "é melhor sentar Maes-centros, onde você não vê" (Estudantes da nona série). Na lógica do aluno implica que os outros não perturbar ou interferir em uma área considerada de propriedade ou pelo menos onde eles ganham o status de indivíduos com alguma autonomia e estão livres de olhar interrogativo coercitiva da autoridade escolar. O sinônimo de ser invisível, a falta de rosto, despercebido, sem barulho e suas diversas formas, é recuperado expressões no discurso cotidiano de adolescentes que são testemunho desse tipo de recurso para não se sentir violado e esquivar o Panóptico, mas por sua vez, é a metáfora que melhor descreve a invisibilidade do sujeito, que é escolhido na ausência de compromisso, a salvaguarda contra outro que viole ou ameace a individualidade responsáveis perante uma autoridade. Essa é uma forma de auto-assumido invisível como sujeito, o que implica a reificação do próprio sujeito na vida institucional.

Parte Dois: O olhar do fenômeno da ética

A razão ética, um apelo ao princípio da razão

Uma vez analisadas as narrativas considerem a importância de apelar para o princípio ético da razão, porque o re-compreensão do "outro" envolve-los como fins em si mesmos, isto é, como seres humanos, com o qual você pode chegar acordos e diálogo, a razão é, portanto, dialógica e construtivo como código aberto porque "a razão (logos), como sabemos, é também encomendar e palavra fundação da comunicação e da comunidade" (Gonzalez, 2000).

A razão pode ajudar a abordar os comportamentos de indiferença que às vezes nós tomamos quando levamos em conta os interesses individuais de alguns mais do que outros. Força-nos a escapar do nosso individualismo permitindo reconhecer o outro como fonte de decisões no espaço público.

O recurso à ética no espaço da educação é importante porque é necessário para construir um sujeitos dotados de "sentido" em termos de valores culturais e espirituais que ajudam a construir a responsabilidade moral que a sociedade exige do sujeito educa espaço; para deixar o imediatismo do supérfluo e do egoísmo para entrar num mundo inter-subjetivo, o compromisso com os outros. O que é decisivo é que os valores que a escola oferece qualquer estudante a apresentar mesmo "I, autenticidade e capacidade de ser para o "outro" ou "outro". Em um ambiente escolar onde dominação e violência do assunto é excluído qualquer possibilidade de educação ética; Este surge quando damos forma de genuíno com-nicação, a reciprocidade, a relação horizontal para invalidar tudo, o diálogo e que "a educação entendida como diálogo, a interação dialógica, e não leva o aluno como passivo, mas ativo, como um interlocutor. Há uma interação, algo que tanto participar "(Beuchot, 2000).

Rumo a uma ética de nós-outros

A atitude ética seria estabelecer novas inter-relações, quebrar o círculo de indiferença e invisibilidade que se manifesta de diversas formas, tanto simbólicas e concretas, abertas ou veladas. Apelando para o valor equivalente em espaços sociais para pensar sobre uma mudança interna no assunto, a considerar a sua auto moral deve ser transformada; para anular indivíduo, egoísta e narcisista postura de introduzir uma dimensão onde o reconhecimento é dado outro, para a prática de plena convergência entre aspiração e trabalhadores por conta própria, para anular a exclusão do outro no processo de aprendizagem .

Isto significa que os atores se tornarem agentes activos e morais quando eles percebem que têm um eu que res-tanques para as suas acções, por isso é responsável pelo que acontece lá como "moralidade genuína é dado, em efeito na medida em que o reino da intenção, da vontade, das motivações profundas da ação "(Gonzalez, 2000) é realizada. Isto é, quando o sujeito acha conveniente, moralmente falando; quando estiver consciente deliberada em suas habilidades profissionais, que são baseados em um conjunto de valores e concepções do que é bom.

Eu acho que, a partir desta, que se refletem e vemos o tema da dimensão ética, é porque eles

também têm uma tarefa, ser reconhecido. Neste sentido, o sujeito deve ter em conta três questões morais: o que devo fazer com os outros o que eu posso fazer para os outros e que me é permitido fazer na borda do espaço social.

As implicações éticas da invisibilidade

Exercer invisibilidade, quer de uma forma activa ou passiva, envolve recusar ou negar aos outros uma dimensão-ing reconhecida e compromisso ético ainda no espaço social. De modo que podemos dizer que o que quer que as razões que os indivíduos argumentam para justificar que são moralmente inaceitáveis, desde que você não pode dar treinamento na decisão da minha falta de compromisso, ou cancelamento do rosto do outro, de rejeitar suas chances própria. Na ordem ética o fim justifica os meios, você não pode afirmar que na tentativa de priorizar a eficiência e eficácia, vemos o aluno como um meio e, portanto, nós valgamos nada para fazer. Por outro lado, podemos dizer, o fenômeno da invisibilidade transcende a mera comportamento individual e torna-se um processo interpessoal, porque afeta pelo menos dois protagonistas que se exercitam e aqueles que sofrem.

As virtudes não são ensinados, mostrado de dentro para fora, de mim para o outro professor para o aluno. O que está claro é derivado, os indivíduos devem encontrar uma maneira de recuperar o seu papel na escola como um agente moral, construir um espaço digno, onde os alunos a resolver seus conflitos como os direitos, eles são promovidos como capazes de dar uma opinião e que a sala de aula é um lugar para a ação responsável, crenças e pontos de vista, onde tem o apoio do professor para ser corrigido em tempo hábil e respeitosa.

Assim, o trabalho acadêmico é movido a partir de um ponto de vista ético, em duas dimensões, um envolvendo seu relacionamento-jeto si mesmo eo outro diz que seu relacionamento com os outros assuntos. Este relacionamento ético deve ser assumida como um sujeito em formação preocupação, uma preocupação que deve ser considerado como um compromisso para tentar mudar as coisas na instituição, como este é o benefício de tais atitudes a assumir as suas atores.

¿A tolerância para invisível? O invisibilidade como resultado de intolerância

A tolerância é um imperativo ético que transcende a individualidade, é por si só e é de facto, por razões éticas, independentemente das crenças ou práticas culturais, políticos e religiosos que professa ninguém. Ela reconhece a outra à semelhança, todos baseados no princípio ético. Refere-se

à diferença na distância "e saber a diferença e alteridade, enquanto a igualdade radical e semelhança [é] a tolerância bainha como uma virtude ética" (Gonzalez, 2000).

Como podemos ver a tolerância é um conceito de vida, um guia de estilo práticas, idéias e atitudes que têm a ver com o respeito que você mantenha os outros quando se manifestam estilos de vida diferentes dos seus. Movendo-a para a sala de aula, o conceito assume uma nova dimensão, pois as pessoas que temos de ser tolerantes estão sujeitos, muitas vezes com alguma família e conflitos pessoais. Isso traz um compromisso moral dupla com o assunto: primeiro requer que sejamos tolerantes com alunos identificados como indivíduos, a partir de qualquer comunidade e, segundo, reconhecê-los mais difícil tomar decisões, o que implica um maior compromisso.

A prática ensinamento pode ser movido na tolerância ou no seu oposto, em ambos os casos, é uma reacção activa. Em um eles entenderam, e diferentes momentos de aprendizagem, necessidades, sentimentos e comportamentos apresentados pelos estudantes, como resultado de suas diferenças individuais e histórico são aceitas contra as desigualdades tolerância vem a constituir uma atitude positiva. Caso contrário, eles assumem posturas, como a rejeição ea intransigência e hostilidade para com os seus diferentes modos de agir; quando a desigualdade é por vezes apresentado ele responde com atitudes intolerantes como discriminação nação, estereótipos e preconceitos "a característica comum de atitudes intolerantes é que os sentimentos que caracterizam são desconfiança, insegurança e medo da ameaça representando grupos humanos em direção imaginários que [] experiência essas atitudes; para superar esses sentimentos negativos, a pessoa que experimenta-los normalmente reagir defensivamente com outros sentimentos auto-afirmativas, que vão desde o desprezo para aquelas pessoas sobre a situação de fraqueza, inferioridade, discriminação ou exploração sofridos, à hostilidade agressiva " (Luque, 2000).

Este ponto é usado para declarar que a intolerância é uma questão moral que exige a compreensão, em vez de explicação, como uma maneira de atacar. Para isto é preciso consultar o nosso estatuto profissional, o que nos faz professores como a reivindicação de nós como pessoas morais, reconhecendo que as atitudes intolerantes negar o outro, e ao fazê profunda negar o nosso próprio eu. O compromisso moral apela às nossas exigências de consciência com base na aceitação e responsabilidade por nossas ações compromisso.

Em aluno tolerância é aceita como é; aceitação é mais forte do que a rejeição não significa que temos de ter ou suportar algo que nos afeta a respeito. A parte traseira é outro resultado invisível de um ato de intolerância, mas quando o assunto é negado pela falta de compromisso social e conforto

que dá não ser visto, é também uma forma de in-tolerância. Para o tolerante, tolerância; E o que para os intolerantes? Uma resposta é oferecido por Norberto Bobbio, "a tolerância deve ser alargado a todos, exceto aqueles que negam o princípio da tolerância, ou, mais resumidamente, [com] todos devem ser tolerante com os intolerantes excepto" (Bobbio, en González, 2000).

Acreditamos que o compromisso com a educação nos obriga a exercer reflexão permanente, por isso temos de explorar o nosso diálogos internos autobiografia de reconhecer e construir novos valores morais na sala de aula. Neste diálogo terá que recorrer ao apelo de uma razão que nos leva à autonomia moral e ético, mas não de-do imperativo categórico, mas a partir da construção diária de uma ética do reconhecimento. Boff acredita que o ethos da humanidade está configurado cuidados de base, isto é, uma atitude de ocupação, preocupação, responsabilidade e compromisso afetivo com o outro (Boff: 2001). Ou como Levinas (2007), levantou uma ética da responsabilidade em face de outro legítimo, envolvendo em primeiro lugar, como Ricoeur, o cuidado de si mesmo (1995) estados.

No campo das escolas isso envolve a busca de construir igual e podemos acrescentar, a equidade, enquanto o direito de aprender e crescer a partir de suas próprias diferenças e condição. Essa ética de responsabilidade para com os agentes não são impostas como um imperativo categórico da ordem universal, mas é construído no encontro humano a cada dia, tornando visível o "outro", enquanto se torna parte de um "nós". Ele está lá como uma possibilidade: as práticas de cuidado no setor privado são oferecidos como uma fonte capaz de fornecer riqueza e dinamismo para a prática em instituições de ensino, por vezes experimentada como seca e desgaste.

Se a escola oferecida, a partir de ações concretas, fases de um mundo mais tolerante e harmoniosa, em uma sociedade onde a violência for-mais se tornar ações diárias, então poderíamos considerar a possibilidade de uma mudança na sociedade humana.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, nós mostramos aspectos da fala dos sujeitos em contexto escolar e cortesias. Fala cotidiana é essencial no face a face dos atores envolvidos no ambiente educacional da interação escolas é uma implicação para o outro de uma sensação de que coletivizada ou socializado

nos processos de comunicação, representa um horizonte para a exploração e compreensão de indivíduos em situação.

No trabalho, podemos ver as formas ativas e passivas de invisibilidade; por exemplo, professores e administradores para os alunos, que negavam a partir de um discurso que desvaloriza colocando-os no contexto do assunto carente (adolescente: equals na transição, na falta de maturidade) justifica que devem ser monitorados e sujeito dis-to-disciplinares dispositivos para garantir uma formação adequada; mas também os alunos para seus colegas e autoridades: a relação que ainda não faz parte do discurso de sala de aula. Outra forma de invisibilidade é dado quando o próprio aluno que assume-se como um não é visível para o ambiente escolar, para garantir a preservar uma individualidade assediado pelas normas e regras da vida em escolas.

As vozes dos adolescentes nas escolas secundárias emergem com repetidas queixas de "me deixe ser" e que as práticas disciplinares alcançá-los uniforme, para proibir a expressão de emoções na escola, para trazê-los para áreas onde eles e controles, os alunos Eles nunca são ouvidos, os indivíduos sem voz e rosto às respectivas autoridades escolares. Daí a constituição subjetiva e suas percepções adolescentes cristalinas do espaço cidadão que não são definidos por uma verdadeira experiência do reconhecimento do sujeito ético dentro da escola. Estudantes autoritarismo dentro de suas salas de aula e escolas viver, a maneira como eles são perseguidos e monitorados pelos superiores e denunciar a invisibilidade de suas autoridades, onde a interação é zero, e apresentado apenas quando tiverem cometido uma infração grave que merece uma sanção tão grave ou a expulsão iminente da escola, eles são uma tendência permanente nas vozes de adolescentes. A experiência de ambas as situações invisibilidade ativa e passiva, produzido pela atitude de indiferença e / ou autoritarismo nas práticas escolares onde estão olhar rosto sem voz e particular, como um pão de cada dia no mundo da escola. Antes que nós só recorrer a apelar para a mudança da prática mediada reconhecimento dos outros como sujeitos de direitos e responsabilidades. No entanto, esta mudança temos que construí-lo a partir da área de imediato que irá transcender a outros espaços e dimensões da convivência humana. A capacidade de aceitar o nosso imperativo ético leva ao reconhecimento do aluno como um indivíduo e não-transferível diferente, mas como sujeito de direitos universais, responsabilidades sociais e valores-alvo, para parafrasear Ricoeur, enquanto alteridade e identidade.

BIBLIOGRAFIA

AUSTIN, J. L. (1962-1982), *Cómo hacer cosas con palabras*, Barcelona: Paidós.

BAJTÍN, M. (1982). *Estética de la Creación Verbal*. México: S. XXI.

BEUCHOT M. et al. (2000) *Virtudes, valores y educación moral*. México, D.F: Ed. UPN,

BOFF, L. (2001). *Cuidar la Tierra*. México: Dabar.

CARROLL, L. (1990) *Alicia a través del espejo*. Madrid: RIALP.S.A.

CODDOU, F. (1995), *Violencia en sus distintos ámbitos de expresión*. Santiago de Chile: Ed. Dolmen.

GONZÁLEZ, J. (2000). *El poder de eros. Fundamentos y valores de ética y bioética*. México, D.F: Ed. UNAM.

LEVINAS, E. (2007). *Ética e infinito*. España: Editorial Visor

LUQUE A. (2000), et al. *Educación y tolerancia*. Sevilla, España: Ed. Díada.

PORTOLÉS L. J. (2009) *Censura y pragmática lingüística*, Universidad Autónoma de Madrid consultado en <http://www.ucm.es/info/circulo>. Consultado el 30 de enero de 2013.

RICOEUR, P. (1995) *Tiempo y Narración (Vol. I y II)*. México: Ed. Siglo XXI.

SARTRE, J. P. (1961). Prefacio. En Frantz, F. (1961-1971), *Los condenados de la tierra*. México: FCE.

WITTGENSTEIN, L. (1953), *Investigaciones filosóficas*. México: Alianza IIF-UNAM.